

“Eu tenho que aprender sozinha”: o sujeito feminino pela poesia de Adrienne Rich

Ariane Neto Avila Neto de Farias¹

Ânderson Martins Pereira²

Mariane Pereira Rocha³

Resumo

Relegada ao espaço privado, a figura feminina teve a multiplicidade que envolve a construção de sua subjetividade excluída das linhas históricas: a maternidade e o matrimônio foram os únicos papéis delegados à mulher. Contudo, na atualidade, as multifacetadas femininas passam a ser percebidas a partir de um movimento de tomada de consciência e do necessário olhar às variadas experiências das mulheres. Isto posto, o presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da construção da subjetividade feminina na poesia de Adrienne Rich. Para tanto, foram selecionados os poemas “Aunt Jennifer’s Tiger” (1973), “Diving into the wreck” (1971), “A valediction forbidding mourning” (1971), “I dream I am the death of Orpheus” (1971) e “Trying to talk with a man” (1971). Esse estudo parte da reflexão de teóricos como Michel Foucault (2015) e Michelle Perrot (2009).

Palavras-chave: subjetividade; feminino; Adrienne Rich; poesia.

“I HAVE TO LEARN ALONE”: THE FEMININE SUBJECT ON ADRIENNE RICH’S POETRY

Abstract

Relegated to the private space, the female figure had the multiplicity that involves the construction of their subjectivity excluded from the historical lines: motherhood and marriage were the only roles delegated to women. However, today, women’s multifaceted are perceived from a movement of awareness and the necessary look at the varied experiences of women. From this perspective, the present work aims to reflect on the construction of female subjectivity in the poetry of Adrienne Rich. Therefore, the poems “Aunt Jennifer’s Tiger” (1973), “Diving into the wreck” (1971), “A valediction forbidding mourning” (1971), “I dream I am the death of Orpheus” and “Trying to talk with a man” (1971) were selected to this analysis. This study is based on the reflection of theoreticians such as Michel Foucault (2015) and Michelle Perrot (2009).

Keywords: subjectivity; feminine; Adrienne Rich; poetry.

1 Doutoranda em Letras, área de concentração Literatura (FURG), arianenetof@gmail.com.

2 Doutorando em Letras com ênfase em Estudos Literários, na linha de Sociedade, (inter)textos literários e tradução nas Literaturas Estrangeiras Modernas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista Capes CAPES. E-mail andersonmartinsp@gmail.com

3 Mestrado em Letras na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal de Pelotas (2019, docente no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). E-mail marianep.rocha@gmail.com

Já na primeira metade do século XX, em *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir afirmava que “a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições” (BEAUVOIR, 2009, p.21). Nesse sentido, se o poder do homem era baseado na competência desse de atender às necessidades daqueles por quem era responsável; as esposas, filhas, netas tinham a dependência como sinônimo de sua feminilidade, determinando a noção de que a mulher deveria construir-se como para outrem — o masculino.

Sobre as demarcadas diferenças entre homens e mulheres, a historiadora Michelle Perrot (2009) afirma que a sociedade patriarcal também define suas bases na separação do que é trabalho masculino e do que é trabalho feminino. Enquanto os sujeitos fortes — homens — ampliavam e diversificavam suas atividades, muitas delas no setor público, as mulheres ficavam cada vez mais longe dos olhos do povo, tomando para si a maternidade e os trabalhos domésticos, tornando o privado o seu lugar de dever. É a partir desses espaços que o feminino tem sua história contada e é com base nesse lugar que a sexualidade feminina vai ser moldada pelos desejos dos detentores do poder no sistema patriarcal.

A partir do entendimento das representações dos papéis sociais como uma maneira de conhecimento socialmente construída e partilhada, que nas relações entre os sujeitos institui a realidade, compreendeu-se a sujeição das mulheres a um saber que reduz sua definição como indivíduo social e o seu espaço, ao seu corpo/sexo e a características como carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família (esposo e filhos). A mulher era, assim, moldada e desvalorizada com base em uma concepção de superficialidade e de moral escorregadia e duvidosa que pedia, de seus homens (maridos, pais, irmãos etc), constante precaução, já que estas “são destruidoras em potencial como se

fosse mais do que evidente que jamais aceitariam, voluntariamente, os papéis que lhe são designados” (PERROT, 2009, p.44).

A dominação da figura feminina se dava principalmente pelo aprisionamento de seu corpo, que deveria estar a serviço do homem. Entendido como o corpo saturado de sexualidade (FOUCAULT, 2015, p. 113), e que, por isso, se não controlado, seria a perdição da razão masculina, esse é tomado de seu verdadeiro “dono” e sujeitado aos desmandos “de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e/ou obrigações” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Dessa ótica, o corpo e a sexualidade feminina são vistos de uma única perspectiva, que, ao seguir os padrões heteronormativos, sofrem com uma manipulação calculada de todos os seus elementos (gestos) e comportamentos. Como resultado disso, temos uma subjetividade feminina domesticada, que responde às transformações e demandas de uma sociedade que preestabelece como seus os espaços da maternidade e do matrimônio (heterossexual) obrigatórios.

Isto posto, o objetivo do presente artigo é refletir acerca da construção da subjetividade da figura feminina nos versos da poesia da escritora estadunidense, Adrienne Rich (1929-2012). Para a análise aqui proposta foram selecionados os poemas “Aunt Jennifer’s Tiger” (1973), “Diving into the wreck (1971), “A valediction forbidding mourning” (1971), “I dream I am the death of Orpheus” (1971) e “Trying to talk with a man”⁴ (1971), poemas que compõem uma fase importante da escrita da poeta sobre o sujeito feminino, seus papéis e os reflexos do período de silenciamento da mulher no contexto social e político em que vive. De poeta alimentada por escritores que criam a partir de uma perspectiva masculina, Rich

⁴ Optamos por trabalhar com a língua original dos poemas por acreditarmos que, se traduzidos, eles perderiam muito da essência de seu trabalho com a língua (ritmo, metáforas etc).

transforma-se em uma importante porta-voz dos direitos das mulheres.

Os trabalhos da poeta, crítica e ensaísta estadunidense aumentam gradativamente o seu comprometimento com o político e com a luta para o desmantelamento de rótulos que denominam um feminino desviante, que por séculos servem para a promoção da hierarquia social, destituindo-o, assim, de subjetividade identitária, partindo de conceitos repletos de estereótipos e apagam as suas individualidades. Rich, dessa forma, discutiu teoricamente concepções acerca do sujeito feminino e, ao tratar sobre o referido tema, julga necessário que os problemas que circundam a submissão feminina saiam do âmbito privado, atingindo uma dimensão mais abrangente. É através de seu eu lírico que a ideia de um feminino formado pela noção do “Outro”, utilizando o termo cunhado por Simone de Beauvoir (2009) ao se referir ao sujeito masculino como aquele que é essencial ao funcionamento social — o sujeito público —, e ao feminino como o inessencial — o sujeito privado, passa a ser questionado. Com esse objetivo, essa temática perpassa todo o trabalho de Rich, mas é no início deste que o olhar para o feminino tendo como referência o masculino se faz mais presente.

Através da lírica de Rich, compreendemos ainda o papel da linguagem para as relações de gênero em nossa sociedade. Afirma a autora que, “o ato de “nomear” até hoje é uma prerrogativa masculina”⁵ (2001, p. 11). Se dar nome aos objetos, ações etc, é uma ação masculina, precisam as mulheres, de acordo com a teórica, tomar para o si o poder do discurso, atividade necessária para o exercício de reescrita da história. Complementando essa noção, a poeta pontua que é através da linguagem que as maiores transformações acontecem. Uma história narrada por mulheres é a chance do reconhecimento e destaque aos mais diversos papéis e lugares do

feminino. É pelo sonho de uma linguagem comum que a poeta, através do eu lírico propõe uma releitura e reescrita de estratégias que silenciaram o feminino no passado, construindo assim um lugar onde o poder feminino possa emergir (2001, p. 24).

Mesmo em uma época na qual Rich ainda sofria com a influência de escritores homens em sua escrita, seu discurso como ativista feminista já se mostrava forte, como podemos perceber em “Aunt Jennifer’s Tiger”, poema publicado na coletânea *A Change of World* (1951). Nesse poema, a poeta nos apresenta “Aunt Jennifer” — “tia Jennifer” em tradução para língua portuguesa, demarcando que a rotina narrada é a de uma figura feminina — personagem caracterizada por sua passividade e sufocamento diante do matrimônio, mostrando o poder exercido pelo masculino sob as mulheres e o desconforto sentido perante tal dominação. Uma figura feminina que através de sua arte busca subterfúgios para viver livremente, tomando sua imaginação, que não pode capturada ou controlada, como aliada.

No decorrer dos versos do poema, é possível perceber uma mulher que está diante de um conflito. Dentro dela encontram-se dois diferentes femininos: um acostumado à rotina delegada às mulheres, e outro, em um processo de reconhecimento de uma necessária liberdade frente as cobranças sociais. A partir dessa imagem, palavra por palavra, somos carregados para um espaço em que a liberdade da imaginação feminina é representada por tigres imponentes — “tigers prance across a screen” (RICH, 1951, v. 1) — e o papel submisso das mulheres é expresso pelo peso da aliança na mão de tia Jennifer — “Sits heavily upon Aunt Jennifer hand” (RICH, 1951, v. 8). Mesmo que o título do poema vincule o feminino a uma figura como o tigre, reconhecida por características como a força, a audácia e o poder, “Aunt Jennifer” ainda sente que o peso da submissão e o silêncio diante do masculino

5 No original: “How the very act of naming has been till now a male prerogative”

perdurarão mesmo em sua morte. Sua mão, assim como sua alma, é aterrorizada por seus deveres diante do masculino – “When Aunt is dead, her terrified hands will lie/ still ringed with ordeals she was mastered by” (RICH, 1951, v. 9-10). O eu lírico de Rich, sobrecarregado pelos deveres conjugais, sente o peso de valores e convenções sociais, nos quais a figura feminina é relegada ao espaço do esquecimento, que visivelmente é preenchido por sonhos e devaneios de mudanças.

Nota-se que o eu lírico é apresentado exercendo uma atividade reconhecidamente feminina, a tecelagem, como mostra o verso a seguir: “Aunt Jennifer’s finger fluttering through her wool/ Find even the ivory needle hard to pull” (RICH, 1951, v. 5-6). Historicamente, a tecelagem, além de necessária à prosperidade do grupo doméstico, possui outra conotação: a de ser um meio de comunicar feminino⁶. O jogo de significados com o verbo tecer é visível. A construção do poema é feita de tal forma que o eu-lírico possui, metaforicamente, em suas mãos a linha de seu destino, é dessa forma, que o desejo de fuga de tia Jennifer é retratado por sua maravilhosa tapeçaria, representando tigres de “topázio”, um símbolo da força e da liberdade que ela só pode sonhar em possuir. Porém, “Aunt Jennifer” não sabe se poderá traçá-lo sem esbarrar no peso do poder masculino. Seu futuro é marcado pelo peso da aliança, símbolo de seu compromisso de submissão, como é sugerido nos versos 7 e 8: “The massive weight of Uncle’s wedding band/ Sits heavily upon Aunt Jennifer’s hand” (RICH, 1951). Por outro lado, enquanto tece a lã, seu destino imaginado, o eu lírico dá asas aos sonhos silenciados e, nesse espaço, o homem não tem força, nem é temido:

⁶ A literatura apresenta personagens femininas que personificam a importância da tecelagem para as mulheres. Na *Odisseia*, Penélope, que tece enquanto ilude possíveis pretendentes e espera o seu bem-amado, Ulisses, e de *Sherazade*, que tece diversas histórias e aventuras para salvar a “raça feminina da ira do rei Shariar, que após ser traído, havia decidido matar a todas as mulheres com que se casasse” (CRUZ, 1998, p. 38).

“They do not fear the men beneath the tree (RICH, 1951, v. 3). “Aunt Jennifer” é, ao mesmo tempo, o indivíduo e o seu desejo em ser o tigre, animal que desbrava caminhos nunca antes pisados, aquela que vence os inimigos e que vislumbra um lugar de liberdade, e sujeito consciente de que sua posição inferior feminina não lhe dá opções, tendo ela que cumprir com os papéis que lhe foram pré-estabelecidos.

Um feminino que se constitui através do olhar masculino é também apresentado no poema “Diving into the wreck”, publicado na coletânea de mesmo nome, publicada em 1973. Sobre a coletânea, a autora afirmou que “velhas histórias precisam ser conhecidas antes de se embarcar em uma jornada de mudanças”⁷ (2001, p. 146), justificando, assim, o porquê de ainda trazer marcas do masculino em seu eu lírico.

No referido poema, mesmo que nos deparemos com um sujeito que gradualmente compreende o poder de sua voz, ainda se percebe um eu lírico intimidado pela força masculina e que representa “o inverso do homem.[...] Um feminino sem identidade própria” (PERROT, 2009, p. 44). Isso pode ser depreendido pelo cenário claustrofóbico, guiado pelos versos do poema que, figurativamente, produzem um oceano, no qual o eu lírico mergulha em busca de seus destroços, pedaços de um feminino silenciado, conforme nos versos abaixo:

I go down.
Rung after rung and still
the oxygen immerses me
the blue light
the clear atoms
of our human air.
I go down.
My flippers cripple me,
I crawl like an insect down the ladder (RICH,
1972, v. 22-30)

⁷No original: It is necessary to know the old stories before embarking on a journey to change them.

A imagem poética da escada sugere que há uma saída desse espaço claustrofóbico e o eu lírico reconhece que essa escada sempre esteve à sua disposição - “The ladder is Always there” (RICH, 1972, v 14), entretanto, parece precisar de alguém que o auxilie na utilização da mesma: “and there is no one/ to tell me when the ocean/ will begin” (RICH, 1972, 31-33). Nesse sentido, há uma batalha sendo travada entre as vozes do eu lírico nesse poema. Se por um lado, atentamos para uma escada que representa uma saída, por outro, percebemos que o eu lírico não se reconhece capaz de usá-la por si só. Assim, se olharmos de uma perspectiva na qual o eu lírico busca a emancipação do feminino, a escada pode ser compreendida como a representação de que o feminino, aos poucos, foi se dando conta da possibilidade dos caminhos não antes habitados, e visualizando uma escada como meio para a chegada aos seus eus não conhecidos.

Ademais, Rich, pela voz do eu lírico, revisita, em *Diving into the wreck*, os velhos mitos patriarcais que separam o feminino do masculino, duas inconciliáveis facções em constante guerra. Através de metáforas, os versos do poema objetivam mostrar certas verdades acerca do sujeito dominante, e as consequências desse poder sobre o sujeito dominado. Tais mitos podem ser entendidos como os próprios destroços (*wreck*) do título do poema aqui analisado. Assim, são revisitados aqueles que perpetuam a batalha da divisão entre os sexos e, consequente, a disciplina do feminino, que já era bem marcada na Bíblia Sagrada por Paulo (na primeira Epístola a Timóteo), prescrevendo o apagamento às mulheres: “a mulher aprende em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio”.

Nesse viés, olhando para o poema da estadunidense e o lugar ocupado pelo feminino em uma sociedade patriarcal, pode-se afirmar que, no poema, a imagem da água do oceano simboliza o

peso da figura masculina sobre o feminino, já que, embaixo dessa, suas vozes não podem ser ouvidas. Porém, a água também pode ser lida a partir de suas diversas características, tendo em vista que a mansidão do mar pode transformar-se em uma força destruidora, possibilitando a leitura de um jogo entre os gêneros e as relações de poder que envolvem a sociedade. O eu lírico pontua que, para o feminino, o estar submerso é sufocante; é estar à espreita das ações e reações de um indivíduo dominante, refletindo as dificuldades em ser mulher em uma sociedade masculina.

“Diving into the wreck” mesmo sugerindo que aos poucos o sujeito feminino passa a perceber que pode vencer o poder da água, trilhando seus próprios caminhos, traz a grandiosidade e a imensidão do oceano, representando o masculino que há muito detém o poder. Nos versos do referido poema, ele vai metamorfoseando-se, do azul para verde e, depois, para preto — “First the air is blue and then/it is bluer and then green/ and then black” (RICH, 1972, v. 34-36) — representando os caminhos perigosos para esse feminino que anda em direção contrária aos desejos do masculino. Não podemos esquecer que esse sujeito feminino é um indivíduo histórico (FOUCAULT, 2015) e toda tentativa de fuga desse espaço controlado é compreendido como uma atitude negativa, tendo em vista que é o sujeito masculino que deve ser respeitado. Assim, um feminino que foge às regras do homem cairia em perdição.

Não obstante, no decorrer da leitura de “Diving into the wreck” temos a confirmação da solidão feminina: “I have to learn alone/ to turn my body without force” (RICH, 1972, v. 41-42). Ela está sozinha quando decide não mais trilhar os caminhos do homem, isolada de toda e qualquer significativa participação social. Mesmo que, ao final do poema, o eu lírico reconheça a necessidade e as possibilidades para o estabelecimento de suas forças, naquele momento, seu corpo é paralisado

— “My flippers cripple me” (RICH, 1972, v. 29) — em frente aos seus medos, diante do peso de seus deveres.

Dessa maneira, já próximo aos últimos versos do poema, uma figura masculina — “And I am here, the mermaid whose dark hair/ streams black, the merman in his armored body” (RICH, 1972, v. 72-73) — surge em seu forte corpo como guia de sua aventura aquática, ficando evidente que essa mulher, em nossa sociedade, necessita da representação de uma figura masculina para que, de alguma maneira, detenha certo poder ou tenha a ilusão de tê-lo, sugerindo que ambos os gêneros não conseguem fugir dos papéis que lhe são reservados.

É interessante observarmos também a utilização da figura de um objeto cortante: o eu lírico carrega uma faca, metáfora para a necessidade que esse feminino tem em cortar as adversidades e limites encontrados na procura por seus próprios caminhos. O eu lírico também carrega uma câmera para gravar os caminhos e dificuldades enfrentadas por onde passou, tomando como pilar o próprio livro dos mitos, que apaga o nome das mulheres, indicando o seu trabalho de revisitação de tais convenções — “carrying a knife, a camera/ a book of myths/ in which/our names do not appear” (RICH, 1972, v. 92-95).

Esses sentimentos são também percebidos no poema “A valediction forbidding mourning”, publicado na coletânea *The will to change* (1971), que em seu jogo com as palavras, apresenta um feminino psicologicamente ferido. Na primeira estrofe do poema, encontramos novamente a água como um dos principais símbolos das vontades desse eu lírico. Nesse sentido, é pela grandiosidade da água, na forma de uma gigante onda que ele exterioriza os seus desejos — “My swirling wants” (RICH, 1971, v. 01). Entretanto, ainda no primeiro verso do poema, deparamo-nos com os obstáculos representados pelos lábios congelados — “Your frozen lips” (RICH, 1971, v. 01) —, que podem

ser entendidos aqui como a representação de um masculino não disposto ao diálogo com a figura feminina; não disposto a ouvir os problemas que cercam essa mulher. O eu lírico salienta que temas comuns ao feminino eram escritos sob coerção, confirmando que a mulher também é dominada pela linguagem — “The grammar turned and attacked me/ Themes, written under duress” (RICH, 1971, v. 02). A linguagem do feminino parece, então, vazia — “Emptiness of the notations” (RICH, 1971, v. 04), dessa maneira, sendo impedida de se expressar livremente.

A primeira estrofe do poema apresenta a linguagem como um elemento importante de transgressão. Salienta-se a importância dessa como um elemento de subversão, pois a língua toma um valioso papel na construção da subjetividade feminina. Ao encontro das ideias defendidas pela poeta, Rita Schmidt (2017) pontua que a linguagem seria, então, um instrumento que as mulheres podem usar como forma posicionamento “na cultura, na língua e na história, não como o outro invisível, mas como sujeitos pensantes comprometidos com o processo de interrogação das narrativas da nação, das histórias da literatura e seus pressupostos de verdade, significado e valor associados com categorias não questionadas” (2017, p. 21).

Como já apontado, a linguagem em si mesma é gendrada, dando total poder ao homem, logo, o eu lírico feminino em “A valediction forbidding mourning” mostra-se impossibilitado de se expressar através de sua língua, que carrega marcas do patriarcado. Contudo, com o objetivo de buscar uma forma de comunicação que a distancie do gendramento da linguagem masculina e que dê voz ao feminino, o eu poético faz uso de sentenças que não são gramaticalmente corretas subvertendo o que se conhece da língua. Ao utilizar estruturas informais, a poeta foge do que é entendido como apropriado por uma cultura patriarcal, criando uma

nova forma como bem demonstrado pela segunda e terceira estrofes do poema:

They gave me a drug that slowed the healing
of wounds.

I want you to see this before I leave:
the experience of repetition as death
the failure of criticism to locate the pain
the poster in the bus that said:
my bleeding is under control. (RICH, 1971, v.
5-10)

Na estrofe acima, podemos perceber ainda que o sangramento ao qual o eu lírico se refere também pode ser lido como uma das dores causadas por regras gramaticais de uma língua dominante. Assim, drogas lhe são dadas como forma de cura das feridas deixadas pelo seu esquecimento, pelo seu apagamento dos espaços públicos, pela sua total ignorância no que se refere ao seu próprio destino, já que esse é do masculino. As drogas induzem à crença de tempos melhores, que não chega e lhe são dadas para que haja a dominação de seu corpo e de sua sexualidade. Ainda no excerto acima, atenta-se que o eu lírico quer revelar, “antes de partir” toda a sua experiência, revelando o quão marcado está pelas mãos masculinas. O “pôster no ônibus” deixa claro certos sentimentos de um sujeito feminino cansado de seu apagamento representado pelo sangramento, já mencionado. Esse sangramento sugere, também, a morte como solução para os seus sofrimentos.

Identificamos ainda que as imagens usadas pela poeta definem as aflições e condições do feminino através de um tom pessimista que critica o que a elas é imposto. Essas imagens, como os seus cabelos e o paradoxo entre o gelo e o fogo, caracterizam o feminino como a perdição do masculino, um feminino que sem culpa usa a fogueira de seu corpo para males do homem. Uma sexualidade de perdição e de pecado, um corpo

em pedaços tão distantes e difíceis de decifração quanto as montanhas dos sonhos do eu lírico.

Sobre o título do poema aqui analisado, sublinha-se também que esse tem um motivo peculiar, funcionando como um jogo de oposições, já que o título do poema é também título de outro famoso poema, publicado em 1611, do poeta John Donne (1572-1631). Entretanto, enquanto os versos de Donne contam uma linda história de amor, os de Rich têm por objetivo a negação dos ideais românticos do amor, que aprisionam a mulher. O eu lírico do poema de Rich sofre com o peso desse amor que de diferentes formas o aprisiona. A pesquisadora Cheri Langdell ao analisar os dois poemas, afirma que “ambos os poemas dramatizam as diferenças sexuais instituídas, representando a oposição entre a energia da criação e a energia das relações” (LANGDELL, 2004, p. 40).

No que se refere à quinta estrofe, há uma visão um pouco mais otimista desse feminino dominado. O eu lírico apresenta ações possíveis que delineiam o seu desejo do entendimento de suas experiências e perspectivas. Para esse sujeito, o feminino necessita revisar a sua história, dando voz aos seus sentimentos, tomando seu corpo e consciência. Ainda na mesma estrofe, nos dois últimos versos do poema, o eu lírico chama atenção para a forma como a linguagem é manipulada, omitindo as subjetividades femininas e admite que sua relação com os homens a colocaram em situações que podem ser igualadas à morte:

A last attempt: the language is a dialect called
metaphor.

These images go unglossed: hair, glacier,
flashlight.

when I think of a landscape I am thinking of
a time.

When I talk of taking a trip I mean forever.

I could say: those mountains have a meaning
but further than that I could not say. (RICH,
1971, v. 12-17)

Os versos acima pontuam a falta de espaços para reais descobrimentos, deixando clara as dificuldades e as impossibilidade de realizações pessoais, mesmo que o desejo dentro dela exista — “To do something very common, in my own way” (RICH, 1971, v. 18).

O poema “I dream I am the death of Orpheus”, também publicado na coletânea *The Will to change* (1971), por sua vez, apresenta o sujeito feminino a partir de um viés questionador, consciente dos lugares sociais que lhe são reservados, ainda que apresente vestígios do patriarcado. Ao revisitar o mito de Orfeu, logo nos primeiros versos de “I dream I am the death of Orpheus”, encontramos um eu lírico que tenta diminuir, através das palavras, o poder masculino sobre o sujeito feminino, demonstrando que as mulheres podem encarar a autoridade do homem — “I am a woman in the prime of life, with certain powers” (RICH, 1971, v. 03). Combatendo a invisível autoridade masculina que limita o potencial das mulheres, bem como a naturalização da privação do discurso delas, o eu lírico, feminino, reconhece os seus poderes e promete devoção na defesa de suas lutas pelos direitos das mulheres — “A woman with a certain mission/ which if obeyed to the letter will leave her intact./ A woman with the nerves of a panther” (RICH, 1971, v. 09-11). O eu lírico, caminhando contra o vento — “her dead poet learning to walk backward against the Wind” (RICH, 1971, v. 18) –, identifica a importância da ruptura com os grilhões que o subjugam e a necessidade de se falar em voz alta sobre as reais condições em as mulheres se encontram. Além disso, o uso da palavra “certain” no verso três da mesma estrofe, ao lado da palavra poderes, sugere determinada consciência da limitação dos poderes do eu lírico na luta contra os limites impostos a ele.

Ademais, retornar ao mito original se faz necessário, já que a construção dos versos de Rich faz menção à morte de Orfeu, assassinado

brutalmente por mênades, ninfas adoradoras de Dionísio, que despedaçam o seu corpo, jogando sua cabeça no rio Hebro. Essa morte é metáfora para o esmorecimento do masculino e, conseqüentemente o reconhecimento do feminino. É, assim, que entrevemos no poema da estadunidense, o nascimento de uma protagonista feminina marcadamente desviante que, diante de um discurso romantizado e idealizado do feminino construído pelo homem, opta pela destruição desse ideal masculino. Nesse sentido, as mênades representam o feminino que luta contra o masculino opressor.

Os versos de “I dream I am the death of Orpheus”, elucidam as dificuldades de um caminho tortuoso enfrentado pelas mulheres na busca por sua liberdade, em um espaço de dominação — “I am walking rapidly through stations of light and dark thrown under an arcade” (RICH, 1971, v. 02). Os obstáculos enfrentados em um mundo gerido pelas leis dos homens se mostram presentes no uso de elementos marcadamente masculinos como o *Rolls Royce* e o grupo de motociclistas, *Hell's Angels*, apresentando um feminino ainda demarcado pelo patriarcado. Para evidenciar o seu poder, o eu lírico precisa ter marcas masculinas, mostrando a antítese da feminilidade proibida àquelas que tomam espaços, que há longo tempo eram, por direito, dos homens. O cabelo curto e a negação da sedução são também termos para uma mulher que luta pelos seus direitos, pelo encontro de seus próprios eus.

Entretanto, a força e a violência do masculino acabam sendo personificadas pelo eu lírico do poema de Rich, que de alguma forma só consegue enxergar o crescimento do feminino pelo enfraquecimento do homem. A fascinação pela tomada de poder é também expressa pelo jogo de metáforas, como quando o eu lírico compara seus nervos aos de uma pantera — “A woman with the nerves of a panther” (RICH, 1971, v.

11), reproduzindo o poder da figura da morte e trazendo um ideal feminino distante da figura de anjo do lar. Assim como a pantera, esse sujeito feminino é firme em suas atitudes e vai atrás de sua caça, enfrentando as autoridades. Contudo, o eu lírico reconhece as limitações de seu poder, que é balizado por autoridades das quais não conhece os rostos, ficando suas palavras ainda na esfera do privado. A ideia do sonho é manifesta já no título, a vontade de liberdade não passando de um desejo inconsciente. Nesse sentido, a celebração de poder que encontramos nos versos não é real, mas uma aspiração de como as coisas deveriam ser para as mulheres.

Já o poema “Trying to talk with a man” (1971), publicado na coletânea *Diving into the wreck*, denota a conexão da cultura pública de violência contra a mulher com a política pessoal e o sistema do patriarcado. “Trying to talk with a man” é um poema que apresenta o assédio sofrido pelo feminino em relacionamentos heterossexuais unilaterais, nos quais a vontade do homem sempre prevalece. Dessa forma, bombas, símbolos de guerra e violência de um mundo dominado por homens, são usadas como metáforas para a batalha travada na comunicação entre os gêneros e para as dificuldades da construção de diálogo.

Logo no início do poema constatamos que o eu lírico e seu interlocutor ocupam um ambiente hostil — “Out in this desert we are testing bombs/ that’s why we came here” (RICH, 1971, v. 01-02). É dessa forma que esse, organizado em trinta e nove versos, demonstra os problemas existentes nos diálogos entre homens e mulheres, trazendo à tona as diferenças nas posições ocupadas pelos gêneros. Mais uma vez, somos levados a perceber o papel da linguagem na construção das diferenças e desigualdades entre os sexos, já que, pelos versos do poema, inferimos a comunicação como o grande obstáculo a ser vencido para a construção de espaços de igualdade.

O cenário do poema, que nos é apresentado do verso oito ao catorze, é um grande deserto, que representa não apenas a privação e esterilidade, mas parece ser o palco no qual tudo pode ser descartado; onde bombas podem ser testadas e guerras são travadas, diálogos são silenciados e sujeitos não são ouvidos. Nesse espaço, as personagens do poema tiveram que renunciar certas frivolidades de suas vidas, bem como os seus diversos “eus”, a fim de que um relacionamento acontecesse — “What we’ve had to give up to get here/ whole LP collections [...] / playing in the neighborhoods, bakery windows/ full of dry, chocolate-filled Jewish cookies” (RICH, 1971, v. 08-11). Ambos vivem em um relacionamento de ilusões no qual não se permitem ser eles mesmos — “talking of the danger/ as if it were not ourselves” (RICH, 1971, v. 37-38).

A progressão do poema leva ao reconhecimento de que a violência interpessoal e a política se refletem, levando a frustrações pessoais. Por isso também a relevância da leitura da representação do lugar como um local hostil, no qual há uma mulher tentando dizer algo ao homem sem resultados, demonstrando que o público sempre acaba prevalecendo sobre o privado e também provando que a violência interpessoal é política e, por isso, destrutiva e explosiva como as bombas que estão sendo testadas.

A partir do verso quinze, o deserto vai se modificando, representando a tomada de consciência do feminino segundo os comandos masculinos. Com tal descoberta, a subjetividade do feminino será construída sob novos pilares — “Coming out to this desert/ we meant to change the face of” (RICH, 1971, v. 15-16). E, assim, a paisagem vai passando do verde para o cinza das noites regadas pelo silêncio — “driving among dull green succulents/ walking at noon in the ghost town/ surrounded by a silence” (1971, v. 17-20). As cores detonam as aflições internas de uma

figura feminina que há muito é acompanhada pela perda de sua fé na cultura, que oprime as mulheres em um mundo dominado por homens.

Além disso, o estado de mente da mulher é metaforicamente representado pela imagem de um rio subterrâneo — “Sometimes I fell like an underground river” (1971, v. 03). São seus os pensamentos que não ultrapassam os limites impostos. Uma mente carregada de deveres e com poucos prazeres. Temos, assim, acesso a um diálogo que de uma linguagem de cartas de amor — “Love letters” (1971, v. 12) — passa para mensagem de notas suicidas — “suicide notes” (1971, v. 12), representando a montanha-russa das emoções de uma relação destrutiva.

Em seguida, é mostrado o eu lírico e seu interlocutor em instalações militares; há tensão no ar. Assim como em seu diálogo com o homem, algo pode sair errado. A relação apresentada pelos versos do poema vai, aos poucos, tornando-se perigosa. O eu lírico afirma que a figura masculina está a caminhar com os cartazes do lugar refletidos em seus olhos, e eles pregam a saída, o fim — “they reflect signs that spell out EXIT” (1971, v. 35). Após o eu lírico afirmar que se sente ainda mais indefeso com o masculino por perto — “Out here I feel more helpless/ with you than without you” (1971, v. 26-27), tal imagem parece mostrar que nada pode ser feito nessa relação, e apenas o fim trará benefícios a esse feminino que não é ouvido. As últimas palavras do poema sugerem que o caminho até o deserto, a confirmação do papel coadjuvante da mulher, foi o último teste para uma relação já fracassada — “as if we were testing anything else” (RICH, 1971, v. 39).

A história demonstra que o sujeito mulher definiu-se pela oposição, ele é o “outro” em relação ao masculino, que assume o espaço público. Na atualidade, as mulheres percorrem um longo trajeto, (re)construindo sua história, conquistando, em certa medida, espaços, tornando-se efetivamente

sujeito. Nos poemas aqui estudados, isso pode ser comprovado pela trajetória do eu lírico, construído por Rich, que vai, aos poucos, distanciando-se de vozes masculinas e, dessa forma, denuncia seu lugar de outro.

Nesse viés, no decorrer do presente trabalho, foram percebidas diferentes perspectivas da construção do sujeito feminino. Compreendemos que nos seis poemas analisados, ainda existem dificuldades enfrentadas pelo feminino em sua tentativa de ruptura com padrões sociais de base patriarcal e, assim, frequentemente encontramos um eu lírico que é balizado por um discurso do homem. Dessa maneira, ao longo dos versos, somos apresentados a um feminino ainda fragilizado diante dos desmandos masculinos; mulheres que têm sua subjetividade construída a partir do olhar do outro masculino, que a objetiva.

Apesar disso, vemos que mesmo quando o eu lírico de Rich está sufocado pelo machismo do dia-a-dia, não demonstra medos ou receios na denúncia das desigualdades que assolam nossa sociedade. É a partir de uma concepção ainda atrelada ao olhar masculino que chegamos a uma desconstrução da assimetria masculino/feminino, trazendo à tona novos questionamentos da construção das identidades femininas.

Enfim, acreditamos que o estudo sobre a poesia de Rich é um valioso instrumento para reflexão do papel feminino na sociedade, levando-nos a entender a multiplicidade desse sujeito, seus diferentes papéis. Rich, pela voz de seu eu lírico, caminha em direção à quebra de pilares que relegam a mulher posições secundárias em nossa sociedade. A autora mostra-nos a necessidade de novos olhares e possibilidades ao pensarmos sobre o feminino.

É por acreditar na importância do estudo sobre o feminino e suas múltiplas faces, contribuindo de diversas maneiras para o avanço de determinados pensamentos que assolam nossa

sociedade atual, que entendemos a necessidade desse tipo de diálogo, olhando para temas que digam respeito às subjetividades femininas sem os pudores que nos impedem de quebrar preconceitos e que parecem levar os sujeitos para um espaço marcadamente masculino. Os novos tempos pedem um olhar atento, que vai além do sujeito masculino, que encontre o feminino e as diferentes formas de expressão de suas emoções e sexualidade(s).

Editora da UFRGS, 2017.

Submissão: 21 de junho de 2019.

Aceite: 22 de julho de 2019.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução por Sérgio Milliet – 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CRUZ, Thais. *Miragens de Existência: o Tecelão, a Tecelagem e Sua Simbologia*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 1: A vontade de saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LANGDELL, Cheri Colby. *Adrienne Rich: The Moment of Change*. Westport: Praeger

Publishers, 2004.

PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*; tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RICH, Adrienne Cecile. *A change of world*. New York: W.W. Norton & Company, 1951.

_____, Adrienne Cecile. *The will to change*. New York: W.W. Norton & Company, 1971.

_____, Adrienne Cecile. *Diving into the wreck*. New York: W.W. Norton & Company, 1973.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramento/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: